

## *Resenha Crítica*

BERGAD, Laird W. *Escravidão e História econômica: Demografia de Minas Gerais 1720- 1888*. São Paulo. EDUSC, 2004.

Leandro Braga de Andrade  
Mestrando em História – UFMG

A obra analisada neste texto é resultado de um estudo demográfico e econômico da História de Minas Gerais no período escravista. *Slavery and the demographic and economic History of Minas Gerais* do professor Laird W. Bergad, da City University of New York foi publicado em 1999 e traduzido e publicado no Brasil em 2004.

O objetivo do autor foi englobar quase todo o período escravista mineiro. Seu recorte cronológico – 1720-1888 – procurou abarcar desde as primeiras décadas de povoamento da região, o auge e decadência do ouro e a transição das estruturas econômicas para uma economia de abastecimento, tentando realizar um estudo que sintetizasse a escravidão em Minas Gerais.

Utilizando o que o autor considera como o maior banco de dados jamais construído sobre a população escrava nas Américas, Bergad arrolou censos populacionais e inventários *pós-mortem* aliados a outras referências documentais. Trabalhou, principalmente, com as contagens de população dos anos de: 1776, 1786, 1808, 1821, 1833-1835 e 1872. Já os inventários analisados foram 10.028, abarcando um total de 111.963 escravos nas regiões de Mariana/Ouro Preto, São José/São João Del Rei e Diamantina (p.30).

Os dados pesquisados por Bergad confirmaram as afirmações da historiografia que revisa as teses tradicionais acerca da História de Minas. Segundo o professor americano, no final do século XVIII houve uma mudança na estrutura econômica da capitania, passando da prevalência do ouro para a produção e o comércio de produtos agropecuários.

Contudo, a principal tese da obra é a importância predominante dada à população nascida no Brasil entre os escravos de Minas, a partir do final do setecentos. A reprodução natural teria assumido esse papel e perdurado até o final da escravidão, guardando complementar relevância à importação de africanos.

### **A transição da estrutura econômica**

A escassez de alimentos e os altos preços pagos por qualquer mercadoria no início da colonização de Minas Gerais estimularam o surgimento de um setor abastecedor dos povoados. A produção de carne, queijo, cachaça,

milho entre outros alimentos cresceu a partir das impressionantes oportunidades comerciais que a zona da mineração oferecia.

Sendo a agricultura uma atividade que exigia bastante mão-de-obra – diferente da criação de gado, que era solto na natureza – Bergad inferiu que desde cedo a atividade exigia uma mão-de-obra complementar às famílias. Nesse sentido a escravidão desde o início do século XVIII já esteve ligada a este setor abastecedor.

Com a queda da extração aurífera – sentida mais fortemente a partir de 1760 – a economia pôde se reorganizar. Segundo o autor houve migração para as regiões periféricas da capitania onde a conjuntura foi de crescimento não de contração econômica como nas localidades da região mineradora central. Na segunda metade do século o ouro deixara de ser a atividade mais dinâmica emergindo a produção diversificada de alimentos voltada para o mercado. Havia uma vigorosa produção de milho, mandioca, feijão, algodão, tabaco e café, além da carne e da cachaça que se ligavam cada vez mais ao mercado do Rio de Janeiro. *Como sempre acontecera na História de Minas Gerais, o mercado continuava sendo o fator norteador essencial da vida econômica.* (p. 75).

### Uma economia exportadora

A diversificação econômica de Minas Gerais e o aumento da demanda, principalmente da recente instalação da corte no Rio de Janeiro, estimulou uma importante expansão do comércio dos produtos mineiros na primeira metade do século XIX. O setor agropastoril liderava as exportações.

Para esse período o autor enfatizou o caráter dinâmico e externo das atividades produtivas mineiras. Uma discordância clara da tese do *Growing Silence* de Roberto Martins sobre um desenvolvimento interno e relações comerciais de caráter vicinal, predominante em relação ao mercado externo (Este setor é tratado no livro abrangendo todos os produtos que deixavam a província, não necessariamente os destinados a mercados estrangeiros). E mesmo que seja difícil mensurar o peso de um e de outro, Bergad afirma que (...) *sem qualquer dúvida o impulso da expansão econômica foi do comércio exportador – único setor para os quais temos dados, ainda que estes dados não sejam ideais* (p. 98).

Na segunda metade do século XIX a produção do café tomou a dianteira nas exportações de Minas Gerais. Mas Laird Bergad alerta que houve crescimento econômico em várias outras regiões, além da zona da mata cafeeira. Entre 1865 e 1870 o setor de alimentação também subiu o volume de suas exportações. Além do crescimento da produção de algodão (con-

texto da Guerra Civil americana) e da indústria têxtil que deixava de ter um caráter apenas caseiro.

### Dinâmica demográfica

Durante o auge da extração aurífera a população estava concentrada nos centros mineradores. Os escravos eram maioria da população seguido de mulatos, negros livres e brancos.

Com o declínio do ouro, na segunda metade do século XVIII, o crescimento da população reduziu, em decorrência da queda na importação de cativos. Os censos consultados por Bergad indicam uma migração das localidades centrais da capitania para a região sul, onde crescia o setor agropastoril. No início do século XIX as regiões de fronteira continuaram ampliando sua população, acompanhando o grande crescimento demográfico da população total da capitania. Para o autor este movimento deveu-se principalmente pelos ritmos da reprodução interna.

A análise da razão de sexo identificou uma diminuição do número de homens em relação ao de mulheres em idade produtiva. Essa tendência indica que no início do século XIX o crescimento da população de escravos resultava da reprodução natural. Mesmo com o aumento da importação de escravos na década de 1820, a razão de sexo continuou a diminuir até o final da escravidão. Em 1872, 82% dos escravos haviam nascido em Minas Gerais.

A comarca do Rio das Mortes foi onde a população mais cresceu na primeira metade do século. A região tinha o maior contingente de escravos, um sinal claro da prosperidade da economia agropastoril. Já a partir de meados do oitocentos a região cafeeira apresentou os maiores crescimentos demográficos da população livre e cativa.

Nessas regiões, as mais dinâmicas da província a razão de sexo continuou caindo durante todo o XIX. *O fator mais importante dessa expansão populacional foi a reprodução natural, e isto ocorria em todos os setores da população* [brancos, negros livres, mulatos e escravos] ( p. 195).

A análise dos inventários *pós-mortem* corroboram com os indícios de crescimento vegetativo da população escrava. A partir de 1760 houve mudanças fundamentais na estrutura demográfica: aumento dos homens escravos brasileiros – em idade de trabalhar – em relação aos africanos; um número maior de crianças em relação ao de mulheres em idade reprodutiva. Na década de 1790 a população cativa crioula ultrapassou a africana, seguindo em um quadro estável de crescimento absoluto e relativo até os anos setenta do oitocentos.

Os períodos em que o número de africanos, em idade de trabalhar, cresceu mais do que o de brasileiros – principalmente entre 1820 e 1840 –

são para Bergad pontuais e irrelevantes no conjunto do crescimento do contingente mancipio. No entanto, cabe ressaltar que os dados apresentados por Clotilde Paiva em tese do doutoramento, e omitidos por Bergad, apontam para uma presença maior de africanos nas regiões em tela. Considerando que o universo do número de escravos foi bem maior nos dados utilizados por Paiva, seus dados apresentam-se mais confiáveis e confirmam uma subestimação por parte do brasilianista para com a presença africana em Minas.

### Dinâmica de preços

A dinâmica dos preços dos escravos identificada por Bergad também acompanha as teses básicas do seu livro. A abundância do ouro e a escassez de mão-de-obra elevaram os preços dos escravos nas primeiras décadas do século XVIII. Entre 1750 e 1780 a redução na produção do ouro e conseqüente diminuição da demanda empurraram os preços para baixo. Desta data até 1817 o autor identifica uma estabilidade no valor dos cativos. Isto em um momento de recuperação econômica, demonstrando auto-suficiência e pouca dependência da importação de cativos.

Entre 1818 e 1850 os preços tiveram taxas de crescimento anual de 4,5%. As amplas importações de escravos desse período influenciaram na alta. A tendência crescente se acentuou na década de 1850.

A explicação oferecida por Bergad desvincula tal fenômeno da cessação do tráfico atlântico de cativos. Para o autor, o aumento da demanda dos produtos do Novo Mundo, pela Europa, exigiu inovações técnicas e redução dos custos da produção. Isto teria forçado o aumento da produtividade do trabalhador, em todo os setores da economia brasileira, e conseqüentemente o valor da mão-de-obra

Este argumento – que não sai do campo especulativo – é bem plausível porque essa era uma tendência de outras regiões escravistas. Contudo, Bergad, na ânsia de dirimir a participação da importação de cativos em Minas, menosprezou o impacto do fim do tráfico. Se nas décadas anteriores Minas apresentou altos picos de importação de cativos, nada mais natural do que a resposta de alta dos preços com o encerramento do comércio atlântico de almas. Dessa forma, o apego ao tráfico, estimulado pelo dinamismo da economia mineira no período, demonstra que a reposição externa de mão-de-obra teria tido uma participação maior na demografia escrava do que a irrelevância atribuída pelo brasilianista.

Outros fatores são atribuídos por Bergad para o movimento dos preços anteriores à abolição: queda nos preços durante a Guerra Civil americana; alta até a Lei do Ventre Livre e queda nos anos seguintes; nova alta entre 1873 e 1879; seguida da diminuição definitiva dos preços até a abolição.

As tendências regionais dos preços respondem às conjunturas de prosperidades nas atividades voltadas para o mercado. Seja a extração de ouro ou de diamantes, a agropecuária ou a monocultura, em geral os valores dos escravos estiveram mais altos nas regiões mais dinâmicas e mercantilizadas.

### Conclusão

Os pilares fundamentais da construção argumentativa de Laird Bergad são: mudanças na estrutura econômica de Minas no final do século XVIII; a mercantilização de vários setores da economia mineira desde o início da colonização, destacando o comércio para fora da capitania, intensificado no século XIX; e a participação predominante da reprodução natural na população escrava a partir da última década do setecentos até o fim da escravidão.

A primeira e a segunda são temas já profundamente trabalhados pela historiografia, na medida em que diversas outras pesquisas já haviam encontrado tal perfil. Os dados compilados por Bergad sintetizam as conclusões de seus antecessores, porém a obra demonstra sua importância por ter realizado tão ampla análise documental.

A questão do incremento natural da população cativa parece ser a principal contribuição da obra, acompanhando outras especulações feitas por pesquisadores como Douglas Libby e Clotilde Paiva. Entretanto, mesmo que a reprodução natural tenha sido um fator importante na constituição da demografia escrava mineira, pelo menos até 1850, as regiões mais dinâmicas da província acumularam significativo contingente de africanos, sendo estes, mão-de-obra indispensável na economia.

A participação minoritária atribuída à importação de cativos parece estar envolvido no objetivo de contrariar as teses que defendem a reposição externa de escravos, pela província, como principal elemento do crescimento demográfico desta população mancipia. O que parece ter centralizado as atenções do autor, que chegou a comparar os padrões demográficos mineiros ao do sul dos Estados Unidos:

*"Até há bem pouco tempo o sul dos Estados Unidos era considerado o único exemplo de um grande sistema escravagista em que houve reprodução natural. Os padrões demográficos dos escravos em Minas eram obviamente muito parecidos com os dos Estados Unidos" (p. 312).*

Contudo, mesmo correndo os riscos que as grandes sínteses sempre correm, **Escravidão e História Econômica: Demografia de Minas Gerais**,

1720 – 1888, apresenta uma vigorosa e eficiente análise dos indícios quantitativos, essenciais nas abordagens de longa duração. Sua contribuição para a construção coletiva da História de Minas é fundamental, pois suscita debates e aguça o aprofundamento metodológico dos pesquisadores. Laird Bergad acende a necessidade de vencer as dificuldades impostas pela ausência de fontes que possam demonstrar diretamente a existência ou não da reprodução natural no escravismo mineiro. Além de provar, que a escravidão mineira, com suas nuanças no tempo e no espaço, ainda merece novos estudos e novas discussões.